

A trajetória da criação de "Atividades em Sala de Aula", na perspectiva da construção da Educomunicação

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; educadora aposentada do IME-USP. Pesquisadora e professora do Instituto Singularidades e coordenadora do grupo GCIEM (Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática).

E-mail: acarambi@usp.br

Resumo: Embora tenha formação em Matemática e ampla experiência na área da Educação como pesquisadora aposentada do IME-USP, a professora Ruth Ribas Itacarambi está, desde os anos 2000, às voltas com a multidisciplinaridade, quando passou a contribuir em todas as edições da revista *Comunicação & Educação* com o "Atividades em Sala de Aula". Nesse depoimento, que também é uma homenagem por sua dedicação a esse desafio, a professora nos relata um pouco de sua rica trajetória de vida, tanto na educação quanto na luta contra as desigualdades, junto aos movimentos estudantis. E, por fim, ainda nos brinda com um resumo histórico das principais edições e características da revista, desde a sua criação.

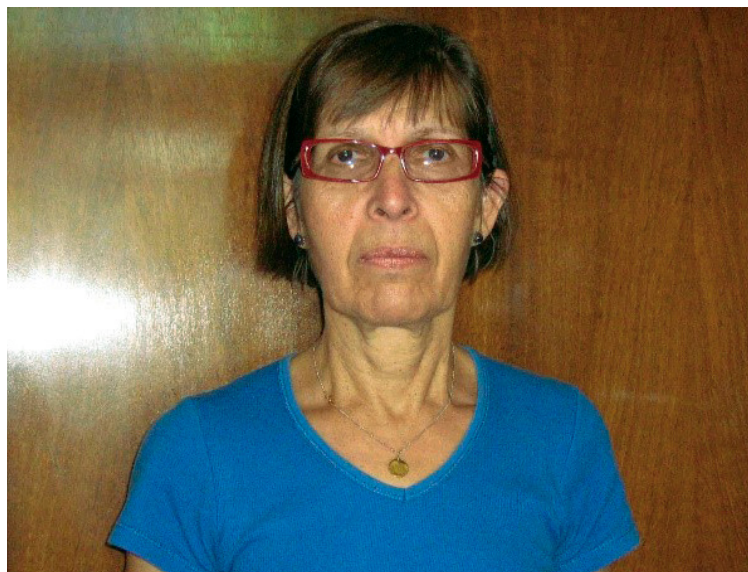
Palavras-chave: Ruth Ribas Itacarambi; Atividades em Sala de Aula; revista *Comunicação & Educação*; memória.

Abstract: Ruth Ribas Itacarambi has a Math degree and large experience in Education. She is, since the 2000s, working with multidisciplinary studies and has since then contributed to *Communication and Education* with the section called "Activities in the Classroom". In this testimony, which is also a homage to her dedication to this publication, the professor tells us a little about her trajectory, specially in the Education field. She also presents us with a historical compilation of this journal most significant issues.

Keywords: Ruth Ribas Itacarambi; Activities in the Classroom; *Communication & Education*; memory.

"Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os *homens* se educam entre si, mediatizados pelo *mun*do¹."

1. FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981, p. 79.



Fonte: arquivo pessoal.

COMEÇO DE CONVERSA

Nasci em Castro (PR), no final da Segunda Guerra Mundial; meu pai, um militar, estava na fronteira quando nasci; era professor de Educação Física do exército e minha mãe era modista. Como militar, ele era sempre transferido de cidade e, entre essas transferências, viemos para São Paulo. E aí começa o meu conhecimento do mundo por meio da escola. Morei numa velha casa na Rua Tabapuã que, para ajudar no aluguel, era subalugada para uma senhora, na época gerente da pequena Kopenhagen. E assim os chocolates entraram em nossa casa.

Para ajudar a manter a casa, minha mãe criava modelos e costurava. Fiz o ensino fundamental numa escola de origem alemã, junto com meus irmãos, pois minha mãe acreditava que precisávamos de uma boa formação cristã; de preferência, de origem alemã. No ensino médio, como escolhi fazer científico, fui para uma escola distante, na Vila Mariana, chamada Nossa Senhora do Rosário. Precisava tomar o bonde para ir até lá, e foi nessa época que comecei o despertar da minha consciência perante as injustiças sociais, participando da JEC (Juventude Estudantil Católica)².

O ENTRETENIMENTO

Nessa época, o entretenimento para nós, do que hoje denominamos classe média baixa, era bem restrito na cidade. A televisão chegou em casa na década de 1960, havia o *Estadão*, algumas revistas como *Seleções* e revistas de moda. O rádio estava sempre ligado em suas novelas das seis. Minha mãe adorava cinema e guardava algum dinheiro para assistirmos nos domingos à sessão da tarde. Tínhamos que chegar cedo, pois a fila era enorme; íamos ao cinema que ficava em Santo Amaro, o Cinemar, e assistíamos ao que passava.

2. Associação civil católica reconhecida nacionalmente pela hierarquia eclesíastica em julho de 1950 como setor da Ação Católica Brasileira (ACB) encarregado de difundir os ensinamentos e a doutrina da Igreja junto aos estudantes de nível secundário. Desapareceu em 1966, quando a nova orientação firmada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) levou ao esvaziamento da ACB e de seus ramos especializados. (Fonte: <www.fgv.br/cpd/doc/cervo/dicionarios/verbete-tematico/juventude-estudantil-catolica-jec>. Acesso em: 18 nov. 2016.)

Não tínhamos escolha: era filme de guerra, romance, faroeste, musicais, alguns nacionais, mas a maioria filmes americanos, e sempre acompanhado de pipoca. Eram bons tempos.

A ESCOLHA E A FACULDADE

A princípio, bem numa visão cristã de ajudar as pessoas, eu queria fazer Medicina. No confronto com a realidade percebi que isso era um privilégio para poucos. Restaram os bacharelados. Na época, fazíamos o bacharelado e depois as disciplinas pedagógicas para lecionar. A escolha de Matemática foi meio aleatória; contei com a ajuda do professor Pascarelli, do atual Instituto de Matemática e Estatística, que me incentivou quando íamos resolver dúvidas dos conteúdos de matemática em sua casa.

Na faculdade, tudo era muito confuso; tínhamos algumas aulas na Maria Antônia e muitas na Cidade Universitária. Como o prédio da Matemática não estava pronto, nossas aulas eram na Poli, na Física e na Educação. A organização estudantil era colegiada, tínhamos o Cefisma (Centro Estudantil de Física e Matemática), e ali fui uma das representantes do curso de Matemática, junto com o Eliseu, da Física.

O Cefisma se manteve acadêmica, cultural e politicamente ativo até o final do ano de 1968. Com o Ato Institucional No. 5, os centros acadêmicos foram fechados e a repressão se tornou intensa. O último registro do Centro que se tem desta época é do ano de 1969.

NO CRUSP

Morei no Crusp (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo), apto 401, bloco D. Os prédios tinham sido construídos para abrigar os atletas dos jogos pan-americanos em 1963. No ano seguinte, os estudantes da USP, ocuparam o Bloco A, e o Crusp passa a existir porque alguns estudantes iniciaram essa luta. A partir dessa primeira ocupação várias pessoas começaram a ir para lá e a moradia estudantil foi se tornando uma realidade. Entretanto, em dezembro de 1968, os tanques do 3º exército cercam o conjunto, prendem os estudantes presentes, que foram levados até a rodovia Raposo Tavares e deixados no quilômetro 14. A moradia foi fechada e assim ficou por dez anos.

ANOS DIFÍCEIS

Já como estudante, comecei a lecionar em escolas públicas como eventual – éramos contratados em fevereiro e dispensados em dezembro, sem direito a férias – e foi uma experiência muito importante, pois já na época percebi a distância entre a faculdade e a escola. Em minhas aulas, costumava situar

3. Luiz Eduardo Merlino foi jornalista, líder estudantil e militante do Partido Operário Comunista (POC). Trabalhou no *Jornal da Tarde* e na *Folha da Manhã*, veículo pelo qual fez a cobertura do Congresso de Ibiúna da UNE. Estudava História na USP. Tinha apenas 23 anos quando, em 1971, foi levado da casa de sua mãe em Santos (SP) ao DOI-Codi, na capital paulista, para prestar depoimento à Operação Bandeirante (Oban). Na ocasião, voltava de um período de estudos e contatos políticos na França, para onde havia ido com a companheira Angela Mendes de Almeida. Na sede do DOI-Codi, Merlino sofreu intensas sessões de tortura, durante 24 horas ininterruptas. Não sobreviveu. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/luiz-eduardo-merlino>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

os conceitos de matemática na história, o que espantava os alunos, principalmente os preocupados com o vestibular. Nessa época, já dava aulas de alfabetização, seguindo o método denominado Paulo Freire, para os operários de Osasco. Buscando novas experiências fiz estágio na escola vocacional, onde conheci a professora Maria Nilda, muito querida, que logo após meu estágio justificou que não poderia me contratar porque a escola estava na mira da repressão e, como eu tinha sido presa numa manifestação, não era bom para a instituição.

Formada fui, naturalmente, fazer pós-graduação em Estatística, e continuei a lecionar, agora na Escola Experimental da Lapa (1970), que também logo foi reestruturada por causa do regime militar. Então prestei concurso e fui lecionar no Instituto Tecnológico de Osasco (ITO).

Em julho 1971, acabei sendo presa, quando a organização a qual pertencia, o POC (Partido Operário Comunista) foi denunciado, e seus militantes presos, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Preso e torturado, morre Merlino³. Fiquei presa por cerca de sete meses e colocada em liberdade condicional, porque estava grávida, com a intervenção do arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns.

Com isso, lá se foi meu mestrado. Muitos se exilaram, mas eu não tinha condições. Durante muitos anos não pude participar de concursos públicos, pois era exigido atestado de antecedentes políticos e sociais. Até a década de 1979, quando arrisquei, fiz o concurso na Prefeitura de São Paulo e consegui ser efetivada sem o tal do atestado. Com o fim da ditadura, em 1985, cheguei por concurso à Escola de Aplicação da USP.

CONHECENDO A REVISTA

Tomo conhecimento da revista em seu número VI (1996), a partir do convite da Profa. Roseli Fígaro, para escrever um artigo sobre a minha experiência em informática em sala de aula na Escola de Aplicação da USP, e a criação do laboratório de informática da escola: "Informática na escola: desafio para professores e alunos".

A REVISTA COM A SEÇÃO DE ATIVIDADES PARA A SALA DE AULA

É a partir da edição de número XIX que começam as atividades para sala de aula, e a proposta metodológica é a transversalidade, na perspectiva dos temas transversais presentes nos parâmetros curriculares nacionais. A transversalidade pressupõe que o trabalho seja desenvolvido por várias áreas do conhecimento, relacionando-se às questões da atualidade. As atividades podem ser realizadas em qualquer ordem, pois cada atividade tem objetivos próprios, esta é uma constante em todas as edições.

A questão que norteia é: como tratar os temas transversais propostos nos parâmetros a partir dos artigos da revista?

Embora a revista já fizesse parte das minhas leituras, desde o número VI, e inspirado o tema do meu doutorado: *A formação de professores comunicadores de matemática*, com a orientação da professora Vani Kesky e tendo na banca a querida professora Maria Aparecida Baccega, os temas tratados na revista passam a ser vistos com o olhar de um educador que acredita na importância dos temas transversais e quer contribuir para que ocorram na sala de aula, a partir de diferentes perspectivas.

Com nova editora, a Segmento, e nova formação, como pode ser observado na capa:



Os temas da edição XIX foram *50 anos de televisão; jornalismo, agenda pública e propaganda eleitoral; comunicação na administração pública*, com a retomada da mensagem sobre o mundo que nos é trazido, mundo editado e o papel das mídias e nessas a televisão que compõe o campo da Comunicação/Educação, e os artigos: "Educomunicação: um campo de mediações", de Ismar de Oliveira Soares, e "Globalização da comunicação", de Willians E. Biernatzki.

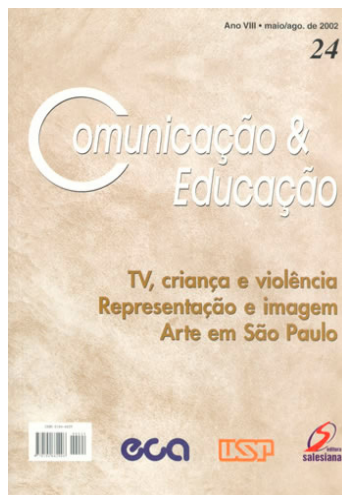
As atividades são registradas como: "Sugestões para serem desenvolvidas com os artigos de Comunicação & Educação n. 19". Na apresentação, começo explicando que se trata de propostas que visam contribuir para desenvolver um projeto de educação comprometido com o desenvolvimento de habilidades e competências que permitam aos alunos intervir na realidade para transformá-la, ou seja, posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade.

A edição seguinte, n. XX, traz entre seus artigos: "Mundo do trabalho e educação à distância", de Maria de Fátima Monte Lima, César Ricardo Siqueira Bolaño; o primeiro sobre o tema tratado na revista, na linha da tecnologias: "Sociedade da informação: políticas da União Européia", de Marcial Murciano e Hiliana Reis; e o "Jornal escolar: Inter-relação Criativa", de Jorge Kanehide Ijuim.

E as atividades passam a ser registradas como: "Atividades com Comunicação e Educação". A proposta para a sala de aula dessa edição está centrada no artigo sobre o jornal, por ser um instrumento de comunicação acessível e com potencialidade de contextualizar as informações próprias da sala de aula e assim abrir espaços para o trabalho interdisciplinar e transdisciplinar. Os outros artigos compõem as demais atividades, nas quais ressaltamos o papel do professor no mundo globalizado, mundo que apresenta múltiplos desafios à sociedade e, a educação surge como uma utopia na construção da paz, da liberdade e da justiça social, a partir do Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI da Unesco.

Escolho a revista n. XXIV nesse caminho de construção da Educomunicação, que com o artigo: "Citações epistemológicas no campo da educomunicação", de Solange Puntel Mostafa, traz uma contribuição para a reflexão sobre a construção do campo da Educomunicação. A autora faz levantamento dos autores mais citados em artigos nacionais e internacionais da revista, identificando suas áreas de origem e contribuições da Comunicação, bem como aponta a falta de referências autorais na área da Educação, na formação do campo da Educomunicação.

Em 2002, com nova formatação, mantendo a sequência numérica, e nova editora, a Salesianas:



As atividades para a sala de aula estão relacionadas aos temas da capa, ou seja, refletir sobre televisão, criança e violência, representação e imagem, arte em São Paulo

No ano de 2005, a revista passa por mudança significativa de *layout* com a nova editora, Paulinas, a sequência numérica é modificada e o registro começa como v. 10, n. 1.



O editorial dessa nova fase tem discurso bastante positivo constatando que cada vez mais as relações entre Comunicação e Educação interessam aos diversos setores da sociedade: aos produtores de cultura, aos meios de comunicação de massa, aos educadores em geral e à sociedade civil, que hoje se questiona – é a chamada sociedade da informação. Lembra que a revista interessou aos professores do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Gestão de Processos Comunicacionais da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e que a revista já há dez anos presta significativos serviços a comunidade, ao estimular a discussão a respeito da natureza dos meios de comunicação.

Centrando a reflexão no v. 10, n.3 que traz como capa: *Dez anos de Comunicação & Educação: registros, lembranças e confraternização*. O artigo: "Dez anos a serviço da construção do campo comunicação/educação" de Maria Aparecida Baccega relata os dez anos da revista, recupera a proposta editorial da revista e seus pressupostos firmados sobre o campo comunicação/educação, de 1994. Lembrando que naquele momento a ideia era destacar que a publicação proporcionasse aos leitores instrumentais para a compreensão dos mecanismos utilizados pelos meios de comunicação para a edição do mundo. Conhecimentos fundamentais a serem tratados em sala de aula, pois colaboram para a formação do receptor crítico, permitindo-lhe o exercício da cidadania, veja a carta de princípios nessa mesma edição da revista, v. 10, n. 3.

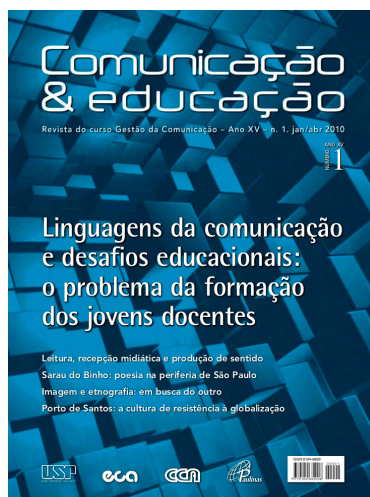
As atividades começam a ser apresentadas a partir de temas apoiados nos artigos.

Nessa edição, os temas são: *seres humanos contam histórias; a imagem em movimento na construção do conhecimento e a humanidade virtualmente diante de si mesma*. No tema: *seres humanos contam histórias*, o propósito é discutir o ato de contar histórias como uma poderosa ferramenta de comunicação, que utiliza diferentes estruturas, desde o início da humanidade, e o efeito delas sobre o ser humano quando as ouve, questão abordada no artigo: "Era uma vez, para a alma: uma revisão dos efeitos do storytelling nas tradições religiosas", de J. D. Sunwolf, e o tema *a imagem em movimento na construção do conhecimento nos*

artigos: "Pedagogia de Humberto Mauro: a natureza em Azulão e o João de Barro" e "Das escavações à sociedade: a divulgação científica sob a ótica das crianças de Peirópolis", que trata da relação entre Arte e Ciências, na perspectiva da produção de vídeos para a divulgação científica e como instrumento facilitador da educação científica dos jovens, desde que possa ser idealizada por eles em seu cotidiano, entre outras.

A revista de 2009, v. 14, n. 3, revela um momento de transição da organização da revista, embora ainda continue com a editora Paulinas, tem como temas geradores os artigos: "A contribuição da revista Comunicação & Educação para a criação da Licenciatura em Educomunicação", de Ismar de Oliveira Soares e de Maria Aparecida Baccega, que tratam da contribuição da revista para a criação da licenciatura em Educomunicação bem como a educação e comunicação como uma construção. As atividades apresentam uma novidade: começam com citações com o objetivo de provocar a reflexão do leitor para os temas que serão tratados. Nessa edição, a citação é: "Para que não se esqueça para que nunca mais aconteça" e a organização está relacionada com a questão da inclusão política dos jovens, a crença dos jovens de sua exclusão digital, principalmente os jovens da rede pública e a inclusão cultural a partir dos temas: *lembrar para não esquecer; estamos condenados à exclusão digital?; nunca é demais falar da cultura.*

Em 2010, a revista, v. 15, n. 1, recebe uma nova formatação. A apresentação é de Maria Cristina Castilho Costa com o título de "Dificuldades e prazeres de uma publicação", na qual relata as dificuldades da produção editorial e seu perfil editorial, que tem uma estrutura complexa, com diversas seções, cada uma com uma finalidade, um trabalho de pesquisa, uma forma de diálogo com o leitor. Relata que a intenção é sempre chamar a atenção do leitor para esse esforço de discussão e diálogo sobre mídia, cultura, educação, política e ação social. Anuncia algumas conquistas recentes, como a notícia divulgada pelo Portal de Revistas Univerciencia.org de que é o periódico mais acessado em um portal que abriga e indexa 21 revistas brasileiras de Comunicação.



As atividades nessa edição contemplam os seguintes temas: *o professor jovem e sua ação pedagógica*, relacionando-a com suas expectativas e escolha profissional; *a influência da cultura, as mídias nos brinquedos e brincadeiras das crianças*, lembrando que os brinquedos são de vital importância para o desenvolvimento, por propiciar o desenvolvimento simbólico, estimular a imaginação, a capacidade de raciocínio e a autoestima; e o tema *o conceito de apropriação dos meios de comunicação pelas crianças e jovens*.

Em fevereiro de 2011, começa a Licenciatura em Educomunicação, que representa uma contribuição do Departamento de Comunicações e Artes (CCA) para a área da graduação da ECA-USP. O projeto abre um campo diferenciado de atuação para um novo profissional: o educador, a quem caberá a prática docente, assim como o exercício de consultorias junto aos órgãos governamentais, à mídia, ao sistema educacional e ao terceiro setor, em áreas relacionadas às diferentes interfaces entre comunicação, tecnologias de informação, artes e educação. Como podemos observar, todos temas dos artigos que vinham sendo veiculados pela revista.

A revista de 2011, v. 16, n. 1, registra essa conquista com o artigo: "A Licenciatura em Educomunicação e as novas diretrizes para o Ensino Fundamental", de Ismar de Oliveira Soares, e ainda os artigos: "Um dispositivo analítico para a investigação da leitura de textos de divulgação científica", de Ricardo Henrique Almeida Dias e Maria José P. M. de Almeida, e "Ensino de ética jornalística: pedagogias e metodologias de professores", de Rogério Christofolletti sobre a ética e a formação profissional. Nesse momento em que a sociedade começa a discutir essa questão de ética, a atividade tem como tema: *ética e formação profissional*.

Nesse mesmo ano, no v. 16, n. 2, a discussão sobre a Educação a Distância (EAD) e a atividade está centrada nas seguintes ideias: *a educação como agente de mudança; o rádio como meio de comunicação num momento marcante da história do país; a Educação a Distância como interatividade*. O objetivo é discutir a educação crítica, com métodos ativos de caráter dialógico, no cenário atual da sociedade do conhecimento, sua organização e o uso dos meios de comunicação como a Educação a Distância, a partir da reflexão do Movimento de Educação de Base (MEB) presente no artigo de Gomes e Rodrigues. A visão atual da EAD pode ser encontrada também no artigo de Experiência dessa edição: "Quando a intenção de comunicar supera 140 caracteres", de Antonia Alves Pereira

Em 2012, escolhemos a revista v. 17, n. 2 com o provocante artigo de David Buckingham: "Realmente precisamos de educação para os meios", que traça um breve histórico do desenvolvimento da Educação para os Meios no Reino Unido, relacionando-o à evolução global do conceito e suas aplicações, além de realizar análise detalhada do fenômeno afeito à Mídia 2.0 – refletindo sobre seus impactos, benefícios e utilizações na mídia educação ao redor do mundo.

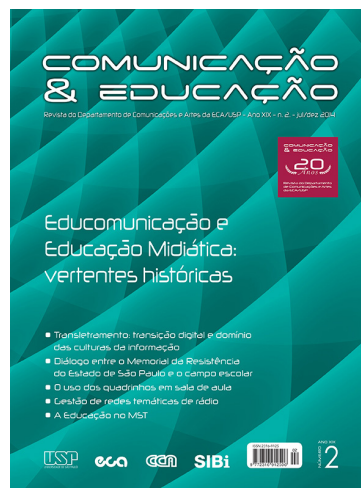
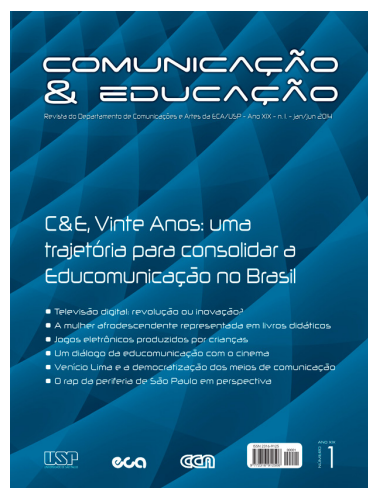
As atividades para a sala de aula trazem a reflexão sobre a relação entre cidadania e conhecimento científico com o artigo de Cecília C. B. Cavalcanti: "A comunicação científica nos espaços de educação não formais", com o tema:

a ciência na boca do povo e ainda os temas: *radioescola e Cidadania*; e *Media Education na formação do cidadão*.

A revista de 2013, v. 18, n. 2 na apresentação de Roseli Fígaro: "Compromisso tardio da sociedade com a escola e o professor", retoma a preocupação sobre educação que vem sendo construída na Educomunicação, por meio de uma perspectiva histórica, faz o relato da tardia universalização da educação no Brasil. Além de apresentar problemas e contradições na formação de alunos e professores, a falta de reconhecimento do valor do professor na sociedade brasileira, fator que acarreta baixos salários e péssimas condições de trabalho.

A partir dos artigos: "A aposta universitária espanhola nas novas figuras profissionais em rede", de Hada Sánchez Gonzales e Sandra Méndez Muros, que tem como objetivo conhecer em que medida há uma formação especializada e adaptada às novas exigências profissionais nas universidades espanhola. No artigo "TV Multimídia: uma tela de oportunidades para a Educomunicação nas escolas públicas do Paraná", de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa e Luis Otávio Dias, os autores apontam os meios como "educadores", dividindo essa função com a família e a escola. O artigo "Liberdade de expressão" de Maria Cristina Castilho Costa mostra como a censura tem feito parte da vida política brasileira desde os tempos coloniais e como se mantém ativa, na atualidade, mesmo estando o direito à liberdade de expressão garantido pela Constituição de 1988. As atividades são organizadas nos seguintes temas: *novas figuras profissionais: universidade: os meios como educadores*; e *tradição secular de interdição à produção simbólica*.

No ano 2014, temos as duas edições da revista conectadas com a construção do campo da Educomunicação, no volume 19, n. 1, a chamada *C&E Vinte anos: uma trajetória para consolidar a Educomunicação no Brasil*, no v. 19, n. 2, *Educomunicação e Educação Midiática vertentes históricas*. A revista passa a ser editada apenas pelo Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP, sem editora externa, com novo *layout*.



As atividades no v. 19, n. 1 têm como temas: *a trajetória da Educomunicação no Brasil*, a partir do artigo de Adilson Citelli, "Comunicação & Educação: 20 anos. Uma trajetória para consolidar o campo da Educomunicação no Brasil"; *a competência em comunicação audiovisual*, do artigo de Ignacio Aguaded e Rocío Cruz-Díaz "O grau de competência em comunicação audiovisual entre os cidadãos da Andaluzia (Espanha)" e *a era digital: transformação, inovação ou revolução*, do artigo de Alan César Belo Angeluci e Marília da Silva Franco: "Aspectos da inovação para televisão digital".

No v. 19, n. 2 com o *layout* registrando os 20 anos da revista, as atividades têm como propósito fazer a reflexão sobre a literacia digital e midiática nos diferentes ambientes educativos e por meio de alguns suportes. Tradicionalmente, literacia está ligada a operações de saber ler, escrever e contar, mas vários autores têm apresentado a importância da "literacia" ligada a outros domínios, como literacia digital, literacia da informação, literacia computacional. Os temas abordados são: *a educação para os meios no século XXI* a partir do artigo de Divina Frau-Meigs, "Translêramento: operar a transição digital e o domínio das culturas da informação" e *o quadrinho underground* do artigo de Edson Pereira da Silva e Alan Bonner da Silva Costa, "*Níquel Náusea* vai à escola: usos dos quadrinhos em sala de aula".

O ano de 2015, v. 20, n. 1, com a capa *Aprendizagens na era digital*, e v. 20, n. 2, com a capa: *Os diversos significados da literacia tecnológica*. Na apresentação do v. 20, n. 1 é retomada a base conceitual e a referência teórica freireana que orientam a inter-relação comunicação/educação ou, o neologismo, educomunicação a partir das contribuições do estudo de Venício A. Lima sobre as ideias de Paulo Freire.

O v. 20, n. 2 abre com o artigo: "A Educomunicação, em diálogo com as tecnologias, na Educação Básica", de Ismar De Oliveira Soares, que faz a reflexão sobre a educomunicação. A educomunicação é apresentada como um paradigma, um conceito orientador de caráter sócio-político-educacional a partir da interface Comunicação/Educação. O fato permite e facilita um diálogo permanente entre os que buscam dar respostas às questões vitais anunciadas e descritas nas diretrizes propostas pelo poder público quanto às "experiências escolares" inovadoras e multidisciplinares, previstas na reforma do ensino básico em nosso país.

Os temas abordados nas atividades são: *a violência escolar em matérias de jornal* e o artigo que subsidia é: "A violência escolar em matérias de jornal: um imaginário construído em Belém-PA", de Livia Sousa da Silva e Kátia Marly Leite Mendonça; *mídia como produto e produtora de subjetividades* do artigoe *O direito à verdade, à memória e à justiça* do artigo "Imprensa e discurso histórico: a comissão nacional da verdade na Folha de S.Paulo e no O Estado de S. Paulo", de Felipe Correa de Mello e Maria Aparecida Baccega.

A capa dessa edição traz o tema: *Os diversos significados da literacia tecnológica*, que os leva de novo à retomada da reflexão sobre os conceitos de tecnologia e de literacia que têm estado em permanente discussão no meio acadêmico e

na mídia. As definições mais amplas de tecnologia estão apoiadas nas ideias de Dewey, para quem a tecnologia é fundamental para a humanidade, em sua opinião, ela faz parte de todos os tipos de experiências criativas e de resolução de problemas. Essas ideias estão presentes no artigo da atual edição: “Reconstruindo a tecnoliteracia: uma abordagem de múltiplas literacias”, de Douglas Kellner e Richard Kahn. Observamos que os autores trazem para o estudo um novo conceito de tecnoliteracia e informam que não há concordância sobre “a articulação cada vez mais crescente entre tecnologia, educação, a construção de uma cultura globalizada, a esfera política e a economia”.

Os temas da seção "Atividades em Sala de Aula" são: *literacia e tecnologia: pontos de vista divergentes e conflitantes* e tem como apoio o artigo de Douglas Kellner e Richard Kahn citado. *literacia tecnológica: os muitos significados*, apoiado no artigo das autoras Roseane Andrelo e Wanessa Valeze Ferrari Bighetti: “Media literacy, memória e eleições — como jovens interpretam o apelo à memória na campanha presidencial de 2014”, que apresenta o estudo sobre a alfabetização midiática de jovens e ainda o tema bem atual: *a intolerância na sociedade e sua expressão pela tecnologia*, cujo artigo-base para a atividade é a entrevista com Sérgio Adorno: “Reflexões sobre a violência e a intolerância na sociedade brasileira”.

A revista v. 21, n. 1 passa a ser apenas virtual e sem o *layout* dos 20 anos.

A apresentação com o título "Cenários educomunicativos", de Adilson Citelli, alerta para um problema persistente na educação formal: que ela continua presa a mecanismos de transmissão distantes do modo de os jovens verem, pensarem e agirem diante da realidade na qual vivem. Os marcadores culturais estão enlaçados por fenômenos que envolvem aceleração temporal, profusão informativa, mosaicos difusos de experiências, individualismo, acenos consumistas, algo a ser considerado e debatido nas ações educativas. A matéria de capa aponta a necessidade de formação de professores e desafios da comunicação



A organização das atividades não poderia deixar de lado a análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico: Base Nacional Currículo Comum (BNC). A necessidade do documento está definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, e o Plano Nacional de Educação, de 2014, que determinam que o governo federal estabeleça uma Base Nacional Comum Curricular (BNC) para todas as etapas da educação básica, que compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. E com os artigos dessa edição, vamos propor uma reflexão centrada na Educomunicação. Começamos com o artigo de Ismar de Oliveira Soares: "A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico". O artigo diz respeito a um momento histórico na definição das políticas de Educação, no Brasil, e busca colher e avaliar informações sobre o pensamento da sociedade brasileira quanto aos possíveis processos de aproximação entre a comunicação, suas linguagens e tecnologias, e a educação básica. Os demais temas são: *diálogos e monólogos acerca da infância e da juventude; formação de profissionais do magistério da educação básica e mudança de mentalidade a partir do artigo: "Educomunicação pela cidadania das mulheres"*, de Vera de Fátima Vieira.

FINALMENTE

ENCERRANDO A CONVERSA

Quando fui convidada para estar à frente da seção "Atividades em Sala de Aula", fiquei primeiro honrada pelo convite e, em seguida preocupada, porque o desafio era grande e a experiência que eu tinha em criar atividades para sala de aula estavam relacionadas a atividades próprias da Matemática e das Ciências, não atividades que envolviam uma narrativa tão multidisciplinar. Entretanto, aceitei o desafio que tinha como objetivo trazer os artigos para a sala de aula. Eu lia todos os artigos da edição em curso, selecionava os que, de certa forma, no meu ponto de vista, poderiam ser organizados para a elaboração de atividades para a sala de aula, e a preocupação era e continua a ser não interferir no objetivo dos autores. Eu levava muito tempo para fechar as atividades e precisava, portanto, contar com a boa vontade das diferentes editoras executivas, agradeço a elas. No sentido de buscar o tema e, também, a questão de apresentar a atividade relacionada a eventos que aconteciam na sociedade naquele momento histórico e que eventualmente estariam presentes no momento em que a revista chegasse às bancas ou universidades. Muitas vezes deixei de lado artigos que eram importantes do ponto de vista do conhecimento, cultura e da comunicação, mas com os quais eu não conseguia fazer um *link* para as atividades que estava organizando para aquela edição. Então eu guardava essas atividades e, nas edições posteriores, resgatava os temas, sempre buscando trazer um subsídio para o professor em sua sala de aula. Um dos grandes problemas, que já comentei com a professora Roseli, principalmente no início, era saber quantos e que professores acessavam as atividades, como

trabalhavam essas atividades em suas salas de aula. Não consegui ter essas informações, entretanto à medida em que a revista foi para a internet, as marcações dos acessos me deram alguma informação quantitativa, embora não tenha ideia do uso qualitativo dessas atividades.

Agradeço a oportunidade de participar da equipe da revista *Comunicação & Educação* e o convite de fazer esse depoimento. Quero deixar registrado que participar dessa criação modificou minha prática pedagógica nos cursos de formação de professores.

Acredito que, além de capacitação dos professores em seus conteúdos específicos, é fundamental a reflexão sobre a comunicação e práticas comunicativas, como a criação de *sites* e a produção de programas de rádio e televisão, para as escolas.